

## Os calendários mesopotâmicos, o culto e as hemerologias

Mesopotamian Calendars, Cult and Hemerologies

**Francisco Caramelo**

---



### **Edição electrónica**

URL: <https://journals.openedition.org/cultura/1324>

DOI: [10.4000/cultura.1324](https://doi.org/10.4000/cultura.1324)

ISSN: 2183-2021

### **Editora**

CHAM – Centro de Humanidades

### **Edição impressa**

Data de publicação: 1 janeiro 2006

Paginação: 77-88

ISSN: 0870-4546

### **Reférence eletrónica**

Francisco Caramelo, «Os calendários mesopotâmicos, o culto e as hemerologias», *Cultura* [Online], Vol. 23 | 2006, posto online no dia 19 fevereiro 2014, consultado o 23 agosto 2023. URL: <http://journals.openedition.org/cultura/1324> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/cultura.1324>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 23 agosto 2023.



Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0  
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

---

# Os calendários mesopotâmicos, o culto e as hemerologias

Mesopotamian Calendars, Cult and Hemerologies

Francisco Caramelo

---

Os mesopotâmios, como outros povos da antiguidade, sentiram a necessidade de organizar a sua vida, o seu quotidiano, particularmente o culto e as actividades agrícolas, em função do tempo, da sua temporalidade e dos seus ritmos vivenciais. Como em tantos outros casos, o mito constituiu uma forma de discurso, com a sua própria racionalidade, usada para explicar e para compreender aspectos essenciais da própria vida e do mundo. O calendário, como forma de organizar o tempo e a existência humana, tinha que ser explicado. Na verdade, os mesopotâmios acreditavam que todas as realizações primordiais, que haviam permitido ao homem fundar o mundo tal como o conheciam, tinham sido criadas pelos deuses e concedidas à humanidade.

No *Enuma elish*,<sup>1</sup> texto mitológico e religioso fundamental na civilização mesopotâmica, é-nos explicado que Marduk, depois de ter vencido Tiamat, a deusa primordial que com Apsu havia gerado os primeiros deuses, usa o seu corpo para criar o mundo.<sup>2</sup> No pensamento semita, e mesopotâmico em particular, é apropriado citar a máxima de Lucrecio: "Ex nihilo nihil". Nada é criado a partir do nada e o demiurgo ordena o mundo de uma forma que não é definitiva, exigindo a vigilância divina, uma vez que a ameaça do caos penderá sempre sobre a ordem da criação. Nesse sentido, o mundo é tido como dinâmico, na medida em que assenta sobre um equilíbrio tenso entre a ordem e o caos.<sup>3</sup>

Neste processo de *arrumação* do mundo, mais do que de criação, Marduk estabeleceu as moradas dos deuses, seus pares, e organizou as estrelas em constelações. As estrelas constituíam as imagens dos deuses. Depois, o texto estabelece uma relação entre as estrelas e o calendário. O mito refere a este propósito: "Determinou o ano, delimitando as suas secções; estabeleceu três estrelas para cada um dos doze meses". No seu empreendimento, o de dar ordem ao mundo, Marduk toma também a iniciativa de ordenar o tempo. Divide o ano em doze meses e atribui a cada um deles a regência de três das estrelas que colocou no céu. A organização do tempo surge assim na sequência

da ordenação do espaço e directamente relacionada com os astros e com os seus supostos movimentos.

Um pouco mais adiante, ainda nesta tabuinha V, podemos ler a ordem que Marduk deu a Nanna, a divindade lunar:

Fez Nanna brilhar, a quem confiou a noite, e incumbiu-o de ser a jóia nocturna para determinar os dias: «Cada mês, sem cessar, põe-te em marcha com o teu disco; no início do mês, ilumina a terra, depois mantém os teus cornos brilhantes para determinar os seis primeiros dias; ao sétimo dia, o teu disco deverá estar pela metade, ao décimo quinto, pôr-te-ás em conjugação com Shamash, sempre a meio do mês, e quando Shamash, desde a base do céu, se dirigir para ti, com regularidade diminui o teu disco e decresce. No dia do obscurecimento, aproxima-te do caminho de Shamash para que no trigésimo te encontres de novo em conjugação com ele».

Marduk encarrega Nanna, o deus-Lua, de assinalar a passagem dos dias. A sua trajectória no céu define uma unidade de tempo importante – o mês. O texto descreve todas as fases lunares e a associação a Shamash, o deus-sol.<sup>4</sup> Tal como no Génesis, o Sol e a Lua são mencionados em simultâneo e cumprem duas funções – a de iluminarem o dia e a noite e a de assinalarem a passagem do tempo.

A associação de Nanna / Sin,<sup>5</sup> um dos deuses mais importantes do panteão sumero-acádico, à consciência do tempo, da sua incessante passagem, da temporalidade e das suas durações, é persistente na literatura mesopotâmica. Está, por isso, compreensivelmente, muito ligado à humanidade, uma vez que o calendário estava necessariamente associado ao modo como os mesopotâmios organizavam a sua vida e programavam os trabalhos agrícolas, ajudando-os a acompanhar e a adaptar-se aos tempos e aos ritmos da natureza. Num hino que lhe é dedicado, podemos observar o reconhecimento da sua importância para a humanidade:

Sin, luminária resplandecente nos céus puros, Sin, que te renovas sem cessar, que iluminas a obscuridade, Que levas a luz ao povo, Aos cabeças-negras é dispensado o teu esplendor; Radiante é a tua luz nos céus puros, Brilhante é o teu facho, tal como o fogo; O teu esplendor irradia por toda a terra.<sup>6</sup>

Nanna / Sin, embora, por vezes, estreitamente ligado à realeza e à sua legitimação, é, neste hino, exaltado na importância que tem para a humanidade em geral. É ele que ilumina e guia o povo. As referências a "toda a terra", ao povo e aos "cabeças-negras", expressão que significa humanidade, reflectem bem a relevância deste deus, mas também o reconhecimento da importância da Lua no quotidiano dos mesopotâmios.

Coexistiram diversos calendários e tradições na Mesopotâmia. Terão sido os sumérios os pioneiros na fixação de um calendário luni-solar, pelo menos a partir de cerca de 2700 a.C. O sistema que tenderá a tornar-se standard é, no entanto, o calendário que tem origem na tradição de Nippur e que será adoptado na Babilónia por Hammurabi, no séc. XVIII a.C. O ano solar adaptava-se à passagem das estações e aos ritmos agrícolas mas a duração do mês correspondia ao ciclo lunar.

A não coincidência entre um ano solar ou trópico e os doze meses lunares ou sinódicos forçou a introdução de intercalações destinadas a corrigir e a compensar, periodicamente, esse hiato que se ia aprofundando de ano para ano. Enquanto que o ano trópico corresponde a 365 dias, o ano lunar fica-se pelos 354. Progressivamente, essa diferença acabava por produzir desajustamentos que eram resolvidos através da introdução de um mês suplementar que compensava esse hiato temporal, repondo a regularidade e a correspondência entre o calendário e a ordem natural das estações e do ciclo agrícola.

Inicialmente, esse mês intercalar,<sup>7</sup> designado de ITI DIRIG, era decidido pelo rei, em função da observação dos astrólogos-astrónomos,<sup>8</sup> ocorrendo de forma algo aleatória. A observação sistemática do fenómeno conduziu, todavia, a uma prática mais rigorosa e fundamentada. Assim, os reis aqueménidas acabarão por introduzir um sistema baseado na descoberta de que ao longo de dezanove anos solares se registam 235 lunações, com uma correspondência muito aproximada. Essa descoberta foi, na realidade, levada a cabo e teorizada por Meton de Atenas e introduzida pelos persas na Mesopotâmia, complementando as observações que os próprios mesopotâmios haviam feito ao longo de muitos séculos. Para garantir a coexistência do ano trópico com o mês sinódico, preconizou-se a introdução de sete meses lunares intercalares, ao longo deste ciclo de dezanove anos, os quais já não sucediam de forma casuística, ocorrendo, pelo contrário, no decurso de anos específicos. Assim, estes meses intercalares, *elidu TI* ou *addaru II*,<sup>9</sup> teriam lugar nos anos 1,3,6, 9,11,14 e 17 do ciclo de dezanove anos.<sup>10</sup>

O ano estava dividido em doze meses e os seus nomes não eram comuns a toda a Mesopotâmia. No calendário babilónico, o ano começava no equinócio da Primavera.<sup>11</sup>

#### Os meses no calendário babilónico

<i>nisanu</i>	Março / Abril	<i>tashrîtu</i>	Setembro / Outubro
<i>ayyaru</i>	Abril / Maio	<i>arabsammu</i>	Outubro / Novembro
<i>simânu</i>	Maio / Junho	<i>kislîmu</i>	Novembro / Dezembro
<i>tammuzu</i>	Junho / Julho	<i>tebêtu</i>	Dezembro / Janeiro
<i>abu</i>	Julho / Agosto	<i>shabâtu</i>	Janeiro / Fevereiro
<i>elûlu</i>	Agosto / Setembro	<i>addaru</i>	Fevereiro / Março

Os nomes dos meses não eram uniformes de região para região, na Mesopotâmia, confirmando as diferentes tradições e calendários coexistentes. As suas designações tendem a relacionar-se com festividades religiosas ou com actividades agrícolas.

O primeiro mês, *nisanu*, era muito importante. Era nesse mês que se celebrava o festival do Ano Novo (Akitu),<sup>12</sup> cujo significado consistia na renovação e regeneração dos ciclos da natureza, momento também aproveitado para a entronização do novo rei ou para a comemoração da sua ascensão ao trono.

No mês de *ayyaru*, que provavelmente significa roseta, o que estaria em relação com a deusa Ishtar,<sup>13</sup> celebrar-se-ia possivelmente um festival religioso dedicado a esta divindade.

O mês de *simânu* estará relacionado com um ritual que envolvia o próprio rei. Este colocava simbolicamente um adobe no molde, assinalando a sua produção destinada à construção.<sup>14</sup> Devemos recordar que um dos deveres do rei mesopotâmico consistia em construir e restaurar os templos, o que constituía expressão da sua piedade. Por isso mesmo, ele é, por vezes, representado transportando um cesto à cabeça e participando simbolicamente nesse esforço.<sup>15</sup>

O mês de *tammuzu* assinalava uma forte e significativa relação com Dumuzi. É uma das entidades divinas mais antigas, remontando à época suméria. Para além da sua relação com Ishtar, destaca-se o ciclo da sua morte e ressurreição, ciclo recorrente que simbolizava a renovação da natureza, na sua perpétua dinâmica de vida e morte, encontrando-se associado à fertilidade dos campos, tão essencial às actividades agrícolas do homem mesopotâmico. O mês de *tammuzu* correspondia ao tempo da sementeira,<sup>16</sup> observando-se, certamente, um culto mais devotado a Dumuzi durante este período.

O mês que se seguia era o de *abar*. Neste mês, celebrava-se um festival funerário, sendo um tempo de vulnerabilidade, uma vez que os demónios, oriundos do infra-mundo, se misturavam<sup>17</sup> com os vivos, provocando perturbação. O mês de *elidis* completava a primeira metade do ano, tendo lugar, provavelmente, uma série de rituais de purificação e de lustração associados a diversas divindades.<sup>18</sup>

O mês de *tashritu* ocorria durante o equinócio do Outono. Em algumas cidades mesopotâmicas, o festival de Akitu tinha lugar durante este mês e não em *nisannu*, assinalando o início do novo ano. Correspondia a um momento importante no calendário agrícola, uma vez que era nesta altura que ocorriam as primeiras colheitas,<sup>19</sup> tempo decerto compreendido numa lógica de piedade e de bênção. A acção benfazeja dos deuses culminava a fidelidade e piedade do homem e, particularmente, do rei, o seu favorito.

O mês que se seguia era *arabsammu*, designação que pode significar precisamente oitavo mês.<sup>20</sup> Simbolicamente, era o mês em que o arado descansava. No mês de *kislimu*, que era conhecido como o mês de Nergal, um deus identificado também com o infra-mundo e com a morte, teria lugar, provavelmente, alguma festa religiosa dedicada ao deus. Nergal abandonava periodicamente o infra-mundo e visitava o mundo dos vivos, arrastando consigo infortúnios e desgraças temidas pelos homens, como epidemias que semeavam a morte e inundações.<sup>21</sup> Sendo responsável por estas calamidades quase apocalípticas, profundamente receadas pelos mesopotâmios, Nergal era também, paradoxalmente, uma divindade protectora da humanidade, das suas colheitas e dos seus rebanhos. Devia, por conseguinte, ser apaziguada com oferendas e com hinos laudatórios. O mês de *kislimu* era também referido como o tempo em que tinha lugar uma produção abundante,<sup>22</sup> quiçá o resultado de um Nergal aquietado.

No mês de *tebêtu*, observava-se um festival religioso dedicado a Anu<sup>23</sup> e no mês de *shabâtu*, celebrava-se o casamento entre Bel e Beltiya e entre Nabu e Tashmetum.<sup>24</sup> O derradeiro mês do ano era *addaru*. É possível que o termo significasse "ficar preocupado" ou "tornar-se obscuro", aqui, eventualmente, numa referência de carácter astrológico-astronómico.<sup>25</sup> Os ritos que tinham lugar durante este período eram caracterizados pela lamentação, pela penitência e pela purificação. É possível que se tratasse de um tempo penitencial que deveria anteceder o festival de Akitu, o qual ocorria no mês seguinte, *nisannu*, o primeiro do ano. Na verdade, o princípio do ano correspondia à vitória da ordem sobre o caos, numa encenação recorrente do combate primordial entre Marduk e Tiamat. Fazendo lembrar o sentido da Quaresma, antes da Páscoa, este mês parece dedicado à penitência, na busca do merecimento da *salvação*, cujo significado é aqui a conservação da ordem instaurada por Marduk.

Os meses sinódicos tinham início com o princípio de um novo ciclo lunar. Na sequência da Lua nova, após um período de obscurecimento, o astro tornava-se de novo visível nos céus, através de um crescente perceptível. Os astrólogos-astrónomos

encarregavam-se de observar sistemática e meticulosamente o céu, à noite, durante o 29.º dia do mês, procurando descortinar a presença da Lua. Nem sempre o conseguiam fazer, o que os obrigava a manter a vigilância durante o 30.º dia. Era isso que determinava a duração do mês, a qual poderia fixar-se em 29 ou 30 dias.

Os astrólogos-astrónomos assírios registaram essas observações lunares, reportando ao rei o início do novo mês. Eis alguns exemplos:

- a. Mantivemos a observação no 29.º dia: vimos a Lua. Que Nabu e Marduk abençoem o rei, meu senhor.<sup>26</sup>
- b. Mantivemos a observação no 30.º dia: não vimos a Lua. Que Nabu e Marduk abençoem o rei, meu senhor.<sup>27</sup>
- c. Mantivemos a observação no 29.º dia: vimos a Lua. Que Nabu e Marduk abençoem o rei, meu senhor.<sup>28</sup>

Os dois primeiros casos demonstram situações claras. A Lua mostra-se visível ou num dia ou no outro, determinando a duração do mês anterior e assinalando o início do novo mês. Pelo contrário, no terceiro caso, verifica-se uma situação em que a Lua não é observável no 29.º dia, pelo que a vigilância deveria continuar no dia seguinte. Registavam-se também casos em que a Lua não era observável no 30.º dia devido a condições atmosféricas adversas. Nessas situações, os astrólogos-astrónomos determinavam, mesmo sem a Lua visível, que o mês se completava com trinta dias.

A observação da Lua, por estes astrólogos-astrónomos, fazia-se, todavia, permanente e quotidianamente. Exemplo disso é este registo de uma observação feita no sexto dia do mês de *nisanu*, por altura do equinócio da Primavera:

No sexto dia de Nisan, o dia e a noite estavam em equilíbrio: seis horas duplas de dia e seis horas duplas de noite. Que Nabu e Marduk abençoem o rei, meu senhor.<sup>29</sup>

Este excerto faz referência à hora dupla. O dia, que oficialmente começava ao pôr-do-sol, era dividido em doze períodos e cada um destes em trinta. Esta precisão só era possível através do recurso a instrumentos de medição mais ou menos rigorosa como a clepsidra e relógios de sol. Através dessa tecnologia, era possível afirmar, como se faz neste registo, que a noite durava o mesmo tempo que o dia.

Na Mesopotâmia, não se verifica uma noção clara da semana enquanto período temporal individualizado. Ainda assim, intui-se que haveria a percepção de que os períodos de sete dias, que correspondiam a uma fase do ciclo lunar, constituíam uma unidade de tempo. Essa ideia parece mais ou menos evidente na passagem do *Enuma elish* que analisámos anteriormente.<sup>30</sup>

A necessidade de situar no tempo acontecimentos já vividos era, obviamente, diferente consoante o contexto social e cultural. Se o horizonte do homem comum era fundamentalmente o da sua própria vida, o Poder e as elites procuravam compilar e sistematizar outras referências, que poderiam ser úteis na construção e na perpetuação da sua própria legitimação política e ideológica. Por outro lado, a lógica de registo, de compilação e de sistematização estendia-se a áreas tão diversificadas como os anais, as inscrições reais, os oráculos de adivinhação, os oráculos proféticos, entre outras. Este registo era, sobretudo no caso da literatura analítica, acompanhado de datações.

Na Mesopotâmia, praticaram-se três sistemas diferentes de datação, os quais coexistiram ao longo do tempo. Um desses métodos consistia em nomear o ano que se pretendia datar com a referência a uma acção ou iniciativa emblemática. Podia ser uma vitória militar, a construção de um templo ou outra. Vejamos alguns exemplos<sup>31</sup> desta

modalidade de datação, praticada, designadamente, durante o reinado de Zimri-Lim, rei de Mari no período paleo-babilónico e contemporâneo de Hammurabi:

- a. o ano em que Zimri-Lim ascendeu ao trono do seu pai
- b. o ano em que Zimri-Lim pôs ordem nas margens do Eufrates
- c. o ano em que Zimri-Lim erigiu a sua estátua para Adad de Alepo
- d. o ano em que Zimri-Lim saiu vitorioso contra os benjaminitas em Sagaratum e matou os seus reis

Um segundo método de datação correspondia a uma tradição babilónica. Consistia em indicar o ano do reinado: x ano de y. Finalmente, o terceiro método era fundamentalmente usado pelos assírios. Era atribuído a cada ano o nome de um funcionário real – o chamado epónimo. Anualmente, era indicado o nome de um funcionário que passava a definir todas as referências de datação. Vejamos um exemplo: "No vigésimo segundo dia do mês de Sivan, no eponimato<sup>32</sup> de Dagan-Bel-usur, mudei-me para Calah".<sup>33</sup> Todos os acontecimentos, todos os documentos, a própria correspondência, passavam a ser datadas de acordo com este sistema.

A precisão, quer nos ajustamentos do ano lunar ao ano trópico, quer na determinação do início e termo de cada mês, quer ainda nas subdivisões do dia, mostra quão importante era a medição do tempo para o quotidiano dos mesopotâmios, na regulação do seu dia e do seu trabalho, das suas actividades agrícolas, mas também do culto. A este nível, o rigor era absolutamente fundamental e urgente, uma vez que havia a consciência de que o erro ou a falta podiam atrair a ira divina.

O culto e o calendário litúrgico e religioso eram condicionados pelo tempo. Urgia repetir quotidianamente e celebrar nos momentos certos do ano os actos rituais com que se agradava aos deuses. Entre os festivais religiosos mais importantes, encontrava-se um, que já mencionámos – o festival de Akitu, isto é, a festa que comemorava o início do novo ano. Como já referimos, o início do novo ano significava o recomeço, numa recorrente dialéctica entre a morte e o (re)nascimento. O complexo ideológico e a sua expressão literária seriam acessíveis apenas a alguns. Provavelmente só as elites consumiam e compreendiam toda a complexidade teológica e literária envolvida na narrativa, no mito que lhe estava subjacente e nos ritos que o (re)presentavam. Não obstante, o homem comum podia também compreender e assimilar o sentido essencial do mito. Numa lógica vivencial que ele entendia, o camponês sabia que o princípio do ano correspondia a um novo ciclo agrícola. Ofereciam-se as primícias aos deuses, mostrava-se gratidão pelo ano que havia passado e esperava-se um novo período de prosperidade e de abundância. O camponês sabia que isso só era possível se os deuses fossem aquietados e persuadidos a abençoar as sementeiras e as colheitas. A fertilidade dos campos e a acção vivificadora da água dos rios constituíam bênçãos divinas e expressavam o triunfo da regeneração, da harmonia e da ordem natural das coisas e do mundo sobre o caos, ameaça sempiterna. Esse triunfo nunca era definitivo, mas antes recorrente e renovado, o que mantinha o mundo numa tensão e num equilíbrio dinâmicos.

No fundo, esta leitura correspondia ao máximo divisor comum inteligível por todos as audiências. A narrativa do mito envolvia o casamento simbólico entre o rei e uma sacerdotisa, o que significava e concretizava o envolvimento directo do monarca no rito. O rei representava o próprio Dumuzi, uma divindade associada à fertilidade, à agricultura, o qual desposava Inanna, a deusa identificada com a fecundidade e com o amor, interpretada no acto ritual pela sua sacerdotisa.

O complexo ritual que tinha lugar durante este festival,<sup>34</sup> o qual chegava a desenrolar-se ao longo de doze dias, envolvia, por conseguinte, vários níveis de leitura. O mais simples e acessível deles era, como já vimos, aquele que resultava da imediata observação e explicação dos ritmos da natureza. O outro envolvia já uma dimensão mais política, uma vez que conduzia à participação do próprio rei. Na verdade, a mensagem era dupla. Se, por um lado, o envolvimento do monarca significava o seu empenhamento e a sua responsabilidade no equilíbrio natural do mundo e na sua desejável renovação e regeneração fecunda, por outro lado, ele traduzia-se igualmente na afirmação da sua legitimidade político-religiosa, uma vez que Inanna / Ishtar lhe manifestava assim o seu amor e favorecimento.

Um terceiro nível de leitura implicava a participação de Marduk, divindade tutelar da Babilónia. Marduk encontrava-se, durante os primeiros dias do ciclo ritual, aprisionado no infra-mundo, convivendo com a morte e com o caos. A evocação do *Emana elish*, provavelmente através da sua recitação ou até, quiçá, da sua representação mística, recordava a sua vitória primordial sobre Tiamat. Numa fase mais avançada do ciclo, o deus era libertado e regressava ao mundo dos vivos, registando-se, por conseguinte, uma associação clara entre este acontecimento e o início do novo ano.

Os três níveis de leitura apresentam, em conclusão, uma evidente sintonia, contribuindo todos para a afirmação de uma mesma ideia. O que está em causa é a convicção de que o mundo, nas suas diversas vertentes – social, política, natural e até cósmica e divina –, é sustentado por um equilíbrio instável e assenta numa ordem que não é definitiva. A criação e a ordem reafirmam-se ciclicamente, regenerando e renovando o mundo.

O calendário estava intimamente ligado ao culto. Assinalava, pois, essas festas e ritos, em que o homem tinha a obrigação de prover as necessidades dos deuses, participando, ele próprio, na conservação da ordem do mundo. Não obstante, o calendário entrecruzava-se também com o culto num plano mais quotidiano e numa dimensão mais vincadamente pessoal.

As hemerologias são um excelente exemplo da relação entre o calendário e o culto numa dimensão mais quotidiana, envolvendo preceitos a seguir, acções a evitar, dias considerados auspiciosos e outros classificados como nefastos. Os mesopotâmios, na sua ânsia de tudo registar e compilar, fixaram todos esses dados, hoje, por vezes, difíceis de compreender, mas que diziam respeito a todas as vertentes da vida do indivíduo no seu quotidiano.

Uma das hemerologias mais conhecidas é a chamada hemerologia de *tashritu*<sup>35</sup>. Estabelece restrições de ordem alimentar e sexual relativamente aos primeiros dez dias desse mês. Provavelmente tratar-se-ia de um período de penitência e de purificação. Atentemos nalguns exemplos que ilustram o género de restrições:

a) ordem alimentar

- no segundo dia: ele não comerá alho: na sua família, uma pessoa importante, um homem, morrerá.
- no terceiro dia: não comerá peixe: a calúnia cairá sobre ele; o campo do seu sustento não prosperará.
- ele não comerá tâmaras: cair-lhe-ão os dentes.<sup>36</sup>
- ele não comerá porco: haverá um julgamento contra ele.<sup>37</sup>

## b) ordem sexual

- ele não se aproximará de uma mulher: esta mulher tirar-lhe-á a sua virilidade.<sup>38</sup>
- no quarto dia: ele não atravessará um rio: o seu vigor sexual cairá.
- ele aproximar-se-á da sua mulher: neste dia, a sua mulher conceberá um varão.<sup>39</sup>

A maioria destas restrições é de ordem alimentar ou sexual e faria parte da atitude penitencial e de purificação que o indivíduo deveria assumir durante este período. Lembremos que em várias cidades mesopotâmicas, como vimos acima, o mês de *elida*, anterior a este, era um mês dedicado a rituais de purificação.

Esta hemerologia refere-se apenas aos dez primeiros dias do mês de *tashrítu*, todavia, existem outras que abrangem outros dias e outros meses do ano, classificando-os de forma mais simples e objectiva. Vejamos dois exemplos:

- O décimo dia: à tarde, favorável.
- O décimo primeiro dia: júbilo no coração.
- O décimo sétimo dia: favorável.
- O vigésimo segundo dia: o mesmo.
- O vigésimo terceiro dia: o mesmo.
- O vigésimo quinto dia: o mesmo.
- O vigésimo sexto dia: júbilo no coração.<sup>40</sup>

Como podemos observar, a hemerologia indicava se o dia em causa era auspicioso ou nefasto. Noutros casos, a hemerologia não se limitava a apontar as restrições ou a classificar os dias numa lógica que poderíamos caracterizar como preventiva. O que estava na origem destas restrições era a convicção supersticiosa do homem mesopotâmico de que certos dias e actos poderiam atrair o infortúnio. Não obstante, as hemerologias não se limitavam a prevenir, assumindo, nestes casos, uma lógica mais positiva, indicando, designadamente, dias que eram favoráveis e propícios para a concretização de certos eventos ou para a realização de certos actos. É o caso desta hemerologia:<sup>41</sup>

- Iyyar,<sup>42</sup> o segundo dia: favorável.
- O sexto dia: que ele tome uma esposa, viverá longamente. O oitavo dia: uma pessoa importante será favorável.

Em conclusão, e em função de todas estas dimensões vivenciais do tempo na Mesopotâmia, podemos afirmar que o calendário, para além de estruturar o ano, reflectia também a sintonia entre o tempo humano e terreno e o tempo divino e cósmico. O homem tinha necessidade de entender o tempo; a forma como organizava o seu quotidiano, em sintonia com o tempo cósmico, era caracterizada pela reversibilidade, isto é, pela não definitividade. O tempo reflectia, assim, os equilíbrios e as perturbações do devir numa dialéctica presente na recorrência do fazer e desfazer.

## NOTAS

1. Trata-se da tabuinha V. Lara Peinado, Federico (ed. e trad.), *Enuma elish. Poema babilónico de la creación*, Madrid, Editorial Trotta, 1994, p. 71.

2. Na verdade, este constitui um segundo momento no processo demiúrgico. O primeiro tivera como *modus faciendi* a união sexual. Cada nova divindade gerada significava um aspecto do mundo. Progressivamente, este ia encontrando a substância e Os elementos que o constituem e caracterizam. A segunda etapa da criação corresponde a um processo de transformação do mundo. Marduk, ao vencer Tiamat, que, de certa forma, representa o caos, cumprirá o seu desígnio, ordenando o mundo.
3. Esta concepção, bem como o postulado que dela deriva, reflectem-se na idiosincrasia do homem mesopotâmico, tendo igualmente uma expressão social que se manifesta na ordem terrena e humana.
4. O livro bíblico do Génesis alude igualmente a essa associação: "Deus fez os dois grandes luzeiros: o maior deles, o Sol, para presidir ao dia, e o mais pequeno, a Lua, para presidir à noite, e ainda as estrelas" (Gn.1, 16). O *Enuma elish*, no trecho aqui reproduzido, também refere que a noite foi confiada à Lua, isto é, a Nanna. Em Gn.1, 14, podemos ver de forma mais significativa a relação entre esses dois astros e o tempo: "Que existam luzeiros no firmamento, para distinguirem o dia da noite; e que eles sirvam de sinal para marcar as divisões do tempo, os dias e os anos".
5. É representado frequentemente pelo crescente lunar e, por vezes, pelo touro. Aliás, o crescente lunar tanto podia significar a barca com que o deus atravessava os céus no seu périplo nocturno como podia aludir aos cornos do touro. Cf. Joannès, Francis (dir.), *Dictionnaire de la civilisation mésopotamienne*, Paris, Robert Laffont, 2001, pp. 780-82.
6. Seux, Marie-Joseph (introd., trad. e notas), *Hymnes et prières aux dieux de Babylonie et d'Assyrie*, Paris, Les Éditions du Cerf, 1976, pp.278-79.
7. Poderia ser *nisannu*, *elîlu* ou *addaru*, sobretudo estes dois últimos.
8. Não separamos porque a observação, motivada sobretudo pela adivinhação de cariz astrológico, conduziu inevitavelmente a um conhecimento astronómico. Por isso, podemos afirmar que os adivinhos, neste caso astrólogos, eram observadores rigorosos dos fenómenos astronómicos, registando, compilando e sistematizando essa informação, transformada, podemos dizê-lo, em conhecimento científico.
9. Constituíam os meses que sucediam ao 6.º e 12.º mês do ano.
10. Cf. Joannès, Francis, op.cit., p.153.
11. Embora noutros calendários o ano pudesse iniciar-se no equinócio do Outono.
12. Caramelo, Francisco, «O ritual de *ãkitu* – o significado político e ideológico do Ano Novo na Mesopotâmia», *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n.º 17,2005, pp. 157-60.
13. Cohen, Mark, *The Cultic Calendars of the Ancient Near East*, Bethesda, CDL Press, 1993, pp. 305-308.
14. Idem, pp. 314-15.
15. Podemos observar um exemplo dessa representação no baixo-relevo, que se encontra no British Museum, onde se ilustra a participação de Assurbanípal na reconstrução de um templo babilónico.
16. <sup>16</sup> Idem, pp. 315-19.
17. Idem, pp. 319-21.
18. <sup>18</sup> Idem, pp. 321-26.
19. Idem, pp. 326-30.
20. Idem, pp. 330-33.
21. Joannès, Francis, op.cit., p. 573.
22. Cohen, Mark, op.cit., pp. 333-35.
23. Idem, pp. 335-37.
24. Idem, pp. 337-40.
25. Idem, pp. 340-42.

26. Hunger, Hermann, *Astrological Reports to Assyrian Kings*, Helsinki, Helsinki University Press, 1992, p. 80. Trata-se do texto n.º 127.
27. Idem, p. 82. Trata-se do texto n.º 133.
28. Idem, p. 81. Trata-se do texto n.º 131.
29. Idem, p. 84. Trata-se do texto n.º 140.
30. Cf. supra.
31. Vd. Sigrist, Marcel e Damerow, Peter, *Mesopotamian Year Names. Neo-Sumerian and Old Babylonian Date Formulae* in <http://cdli.ucla.edu/tools/yearnames/HTML/T18K5.htm> [11-02-07].
32. Em acádico, era designado de *limmu*.
33. Vd. a inscrição de Ashurnasirpal II in Grayson, A. Kirk, *Assyrian Rulers of the Early First Millennium BC 1 (1114-859 BC)*, Toronto, Toronto University Press, 1991, p. 212.
34. O festival de Akitu era celebrado em várias cidades mesopotâmicas e tinha durações variáveis. Por outro lado, enquanto que na Babilónia tinha lugar por alturas do equinócio da Primavera, isto é, durante o mês de *nisannu*, noutras cidades, podia decorrer aquando do equinócio do Outono, ou seja, no mês de *tashritu*.
35. Casaburi, Maria C., «The Alleged Mesopotamian "Lent": The Hemerology for Tešritu», *SEL* 17 (2000), pp.13-29. O texto pode ser lido em [http://www.ieiop.com/pub/libro1art2definitivo\\_06d8834b.pdf](http://www.ieiop.com/pub/libro1art2definitivo_06d8834b.pdf) [14-02-07].
36. Restrição a respeitar no quarto dia.
37. Restrição a respeitar no quinto dia.
38. Restrição a respeitar no terceiro dia.
39. Restrição a respeitar no oitavo dia.
40. Hunger, Hermann, op.cit., p. 128. Trata-se do texto n.º 233.
41. Idem, p. 126. Trata-se do texto n.º 232.
42. Trata-se do mês *ayyaru*.

## RESUMOS

O calendário babilónico, que adopta o calendário standard de Nippur, é luni-solar e está profundamente ligado ao culto, estruturando a vida dos mesopotâmios. Procura-se compreender o modo como os mesopotâmios, e particularmente os babilónios, estruturavam a sua noção de tempo, articulando o mês lunar com um ano solar. Por outro lado, eram várias as formas de datar os acontecimentos e essas tradições coexistiram ao longo do tempo. O calendário era determinado com grande precisão, uma vez que era fundamental não apenas para orientar a vida económica e social dos mesopotâmios como o era também para enquadrar com precisão e rigor o culto.

Babylonian calendar, which adopts the standard calendar of Nippur, is luni-solar and is deeply connected with religious cult, organising life of Mesopotamians. We'll try to understand the way Mesopotamians, and particularly Babylonians, have equated their notion of time, articulating the lunar month with the solar year. On the other hand, there were several ways of dating events and those traditions have coexisted throughout time. Calendar was determined with great precision and accuracy. Indeed it was essential not only to rule economic and social life of Mesopotamians as it was also to rule religious cult.

## ÍNDICE

**Keywords:** calendar, luni-solar, cult, hemerology, New Year

**Palavras-chave:** calendário, luni-solar, culto, hemerologia, Ano Novo

## AUTOR

### FRANCISCO CAMELO

Centro de História da Cultura Universidade Nova de Lisboa

Licenciado em História pela FCSH da UNL. Mestre em História das Civilizações Pré-Clássicas pela

FCSH da UNL. Doutor em Civilizações Pré-Clássicas (área da Assiriologia) pela FCSH da UNL.

Professor Auxiliar na FCSH da UNL. Tem leccionado sobre História do Médio Oriente Antigo,

História das Religiões na Antiguidade e línguas como Hebraico e Acádico. As suas áreas de

investigação são História das Religiões e particularmente a linguagem profética. A sua tese de

mestrado, publicada, intitula-se A mensagem política de Jeremias na crise de 609-587 a.C.; a sua

tese de doutoramento, também publicada, intitula-se A linguagem profética (Mari e Assíria).